

# Bruno Tolentino – A rolha

O cárcere que os ingleses  
chamam “Ilha do Diabo”  
flutua por doze meses  
no úmido lençol do charco

que enrola, envolve, circunda  
os muros de “Dartmoor”;  
lá o Inverno é uma segunda  
camada de cinza escura

por cima do cobertor  
de névoa e padecimento  
que vai descascando a cor  
do rosto, da dor, do tempo

em que o mundo tinha céu.  
Mais de um forçado lá morre  
sufocado pelo véu  
quase líquido em que o forte

dissolve primeiro os músculos  
e pouco depois a pleura,  
os pulmões, como os crepúsculos  
desmancham a luz à beira

das cruzes que formam as grades.  
Mais de um acesso de tosse  
levou às proximidades  
senão aos braços da morte

uma daquelas figuras  
que lá chegam como estátuas  
soberbas, sólidas, duras,  
mas que, desfeitas, exaustas  
de tossir contra um céu frio,

deixam-se enrolar sem luta  
num pergaminho vazio,  
como simples garatuja...

Minha estátua não tossia,  
ou nunca tossia em público;  
deu-me um susto quando um dia  
cobriu a cara e de súbito

sacudiu-se, convulsivo,  
sem um som que confessasse  
o verdadeiro motivo  
do acesso infame... Que arte,

que engenho meu pode vir  
a dar conta, aqui, do esforço  
que fez para não tossir  
em público aquele moço?

Aquele duro novelo  
sufocar-se-ia antes,  
se preciso! Pude vê-lo  
rolar e enrolar-se, grande,

pesado como um cavalo,  
e maleável no entanto  
como a rolha num gargalo...  
Desenrolara-se quando

o acesso tinha passado,  
ou tinha sido engolido  
como uma rolha, coitado.  
Uma estátua de granito

levantou-se enfim do chão  
fosca como um céu cinzento;  
retomou seu cantochão:  
“Como lhe estava dizendo...”

**Bruno Tolentino, A balada do cárcere**